

MULHERES RURAIS E AGROECOLOGIA: UMA ANÁLISE DO PAPEL DAS MULHERES NOS SISTEMAS DE PRODUÇÃO AGROECOLÓGICOS DOS ASSENTAMENTOS DA FAZENDA PIRITUBA - REGIÃO SUDOESTE DO ESTADO DE SÃO PAULO.¹

Bruna Carolina de Meira²
Henrique Carmona Duval³

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo investigar e analisar a relevância do trabalho feminino na agricultura familiar, buscando identificar o poder decisório, as práticas e conhecimentos das mulheres nos diferentes sistemas produtivos dos lotes familiares e a relação dos mesmos com a produção agroecológica. Para tanto, serão utilizadas metodologias da pesquisa qualitativa e quantitativa, integrando mulheres com diferentes situações conjugais e faixa etária, agentes de assistência técnica e extensão rural, presidentes de organizações formais e outros atores que proporcionem a formação de uma visão geral sobre o processo de desenvolvimento das famílias e do papel das mulheres no assentamento. A pesquisa será desenvolvida em três fases: a primeira tem como intuito compreender a dinâmica das relações de gênero e trabalho nas unidades de produção e também estabelecer os primeiros laços de relacionamento que facilitarão as atividades previstas para as próximas fases; a segunda objetiva a melhor compreensão do universo de estudo por intermédio da aplicação de um roteiro de entrevista semiestruturada junto às mulheres a fim de apreender o estabelecimento dos processos produtivos, fontes de renda, divisão sexual do trabalho e tomadas de decisão relacionadas à produção. Ulteriormente, tenciona-se analisar a participação feminina em outras esferas socioprodutivas. Espera-se que as análises dos dados resultem em diagnósticos sobre o papel das mulheres na produção agropecuária em lotes de assentamentos rurais, como ocorrem as múltiplas jornadas de trabalho das mulheres entre atividades de produção e de reprodução social, se seus conhecimentos são identificados a práticas agroecológicas e se seu trabalho resulta em uma renda com peso na renda total da família.

Palavras-chave: Mulheres rurais. Agroecologia. Autonomia.

1 INTRODUÇÃO

As mulheres estão presentes em todas as atividades produtivas e não produtivas, agrícolas ou não-agrícolas da agricultura familiar, embora seu trabalho possa não ser reconhecido é também não contabilizado dentro da lógica mercantil que rege os mercados formais. Nesse sentido, os espaços ocupados pelas mulheres aparecem secundarizados e menosprezados, em clara oposição àqueles espaços onde os homens estão presentes (BRUMER, 2014).

Os quintais produtivos, por exemplo, são vistos como extensão do espaço doméstico e não são percebidos enquanto espaços produtivos, já que não geram riquezas, como afirma a econômica clássica. Os quintais produzem para o autoconsumo, para manutenção das famílias durante os períodos de escassez, para garantir a soberania alimentar das famílias, mas não necessariamente seus excedentes vão para o mercado. Assim, a invisibilidade da produção nos

¹ Projeto submetido e aprovado na modalidade PIBIC do Edital 001/2017 – PIBIC/CNPq/UFSCar, Seleção 2017-2018.

² Discente do Curso de Engenharia Agrônoma da Universidade Federal de São Carlos – Centro de Ciências da Natureza, campus Lagoa do Sino (UFSCar/CCN). Email: bcmeira01@gmail.com

³ Professor Adjunto da Universidade Federal de São Carlos – Centro de Ciências da Natureza, campus Lagoa do Sino (UFSCar/CCN).

quintais parte do não reconhecimento do trabalho realizado no território privado, sendo esse historicamente reconhecido como de dever das mulheres.

A estrutura social dos gêneros organiza o trabalho doméstico como dever e obrigação das mulheres. Dessa forma, são naturalizados e por consequência, invisibilizados. Assim como o trabalho doméstico, a produção dos quintais é naturalizada e passam despercebidas na composição de renda da família.

Neste trabalho, ao se pesquisar sobre as relações de gênero no meio rural pretende-se investigar o papel da mulher em outras esferas que não sejam às vinculadas somente ao espaço doméstico. A invisibilidade do trabalho feminino está sendo confrontada com novas posturas assumidas pelas mulheres, tanto na esfera do domicílio (cuidado da casa, dos filhos, da horta), quanto da “ajuda” prestada ao marido agricultor. O desprestígio do trabalho feminino, interpretado por alguns como sendo um trabalho reprodutivo, necessita ser revisto.

Dentro deste contexto, o presente projeto se propõe a avaliar a relevância do trabalho feminino em famílias de agricultores familiares assentadas em assentamentos rurais estabelecidos na Fazenda Pirituba localizada nos municípios de Itaberá e Itapeva situados a região sudoeste do estado de São Paulo.

2 RELAÇÕES DE GÊNERO E AGROECOLOGIA

Ao longo da história da agricultura, em especial, da agricultura familiar brasileira, o trabalho das mulheres e a valorização das suas atividades no conjunto dos sistemas produtivos acabavam sendo camuflados pela invisibilidade, relacionando-se, substancialmente, às formas de organização da divisão do trabalho (PACHECO, 1997).

De acordo com a mesma autora, muito embora participassem efetivamente das diversas atividades da agricultura familiar (desde o simples preparo de solo, plantio, criação de animais, transformação de produtos e artesanato), as mulheres somente eram reconhecidas, porém com status inferior, quando destituíam do seu papel de mãe e esposa e dedicavam-se, intensamente a atividades relacionadas ao preparo dos alimentos e serviços domésticos.

Para Buttos et al. (2014), a idéia de que mulheres e homens nascem com capacidades distintas para realizar determinadas atividades é considerada uma construção histórica que acaba por ocultar o trabalho das mulheres e, a partir daí, passa a instituir a noção de superioridade do trabalho masculino. No meio rural, por exemplo, a vida das mulheres se tornava marcada por uma realidade de relações patriarcais e, na maioria das vezes, os homens determinam os rumos da família. No entanto, tal cenário passou a se alterar apenas na década de 1980, onde as lutas sociais rurais das mulheres ganharam força a partir da inserção e participação junto aos movimentos sociais.

Para Siliprandi (2015, p.83) a força das mulheres junto às lutas sociais visava, sobretudo, questionar além das propostas da Revolução Verde, a qual pautava-se na modernização da agricultura brasileira por meio da oferta de pacotes tecnológicos, mecanização agrícola e crédito rural aos agricultores culminando na desestruturação de suas economias e do trabalho familiar, a exigência ao acesso a terra (mediante a titulação conjunta com os companheiros e a adjudicação de lotes a mulheres chefes de família nos assentamentos de reforma agrária). Além disso, as lutas das mulheres eram pelo reconhecimento da profissão de trabalhadora rural ao invés da denominação das mesmas como “domésticas”, a garantia dos direitos sociais e previdenciários das trabalhadoras.

Ao que diz respeito à representação feminina no campo, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE, 2009), cerca de 45% do universo populacional rural é caracterizado pela presença de mulheres, mais por outro lado, a participação e

reconhecimento das mesmas no mercado agrícola é um paradoxo na sociedade. Baseado nas informações fornecidas pela Pesquisa Nacional de Amostra Domiciliar (PNAD) vislumbra-se um incremento das mulheres neste mercado a partir da década de 80, apresentando um índice de 132,7% da participação da mão de obra feminina no campo. Em contrapartida, notou-se um decréscimo de 5,4% do público masculino no setor. Apesar da explicitação de tais dados, destaca-se, em muitos casos, o demérito das mulheres quanto à remuneração, uma vez que a inclusão feminina no setor esteve intimamente relacionada às formas assalariadas, que predominou, segundo os dados da mesma pesquisa, até o ano de 1998: no setor agropecuário o trabalho feminino tem representado 80,76% das ocupações não remuneradas, na lavoura o índice foi expressivo em 77,3% do trabalho não remunerado. Contudo, apenas 5,5% de mulheres no campo têm usufruído de atividades remuneradas na agropecuária (IBGE, 2000).

Conforme apontado por Paulilo (1986) e Woortmann (1991), a divisão sexual do trabalho no campo é manifestada pela separação entre espaços de roçado (destinado à grande produção de alimentos essenciais à sobrevivência da família e que demanda uso de ferramentas específicas, sendo um espaço essencialmente masculino) e da casa⁴, qualificando o trabalho como pesado ou leve e mais além, acaba por definir o que é trabalho e não é trabalho.

A análise de estudos a partir da realidade das mulheres define outro significado para as atividades desenvolvidas tanto na esfera da casa, quanto no roçado ou ao redor. A idéia de hierarquia tanto em produtos como em atividades realizadas por homens e mulheres tem em seu seio, o esforço físico como argumento representativo do valor social, embora o trabalho desenvolvido pelas mulheres (principalmente o doméstico), também demande esforços e gere trabalho.

Superar a divisão sexual de trabalho no campo significa, sobretudo, romper com a hierarquia existente entre as tarefas de homens e mulheres e, ainda, reconhecer que essa é resultante de construções sociais que visam à perpetuação do patriarcado na sociedade. Ademais, significa viabilizar e valorizar o trabalho feminino enquanto espaço reprodutivo e produtivo feito pelas mulheres em diferentes locais. Neste contexto, Shiva (2006, p. 159) tem destacado a importância da análise do patriarcado e sua manifestação em políticas concretas quais se diferenciam notoriamente entre homens e mulheres, bem como a classe social que essas estão inseridas. Para Shiva, é fundamental considerar a maneira como as preocupações, prioridades e percepções femininas são excluídas nos processos de tomada de decisão, sejam eles a fim de solucionar problemas econômicos, bem como de propor soluções e colocá-las em prática.

Nesta perspectiva emerge a necessidade do empoderamento das mulheres no campo, considerando as mesmas como produtoras de bens e gestoras do meio ambiente e principalmente, como portadoras de um conhecimento sensível à destruição da natureza, emergindo daí a discussão da sustentabilidade e das relações sociais de gênero no rural. Para Pacheco (2002, p.8) estabelecer debates sobre sustentabilidade e as relações sociais de gênero no campo, além de ir contra uma visão produtivista, economicista e patriarcal, fomenta, sobretudo, um novo modelo de desenvolvimento rural a partir da abordagem da agroecologia. Esta considera não apenas as dimensões sociais e de gênero, mas também integra a distribuição justa dos recursos naturais, de valoração econômica adequada, reconhece e valoriza principalmente o saber e a prática das mulheres, especificando o papel feminino na construção do conhecimento. Ou seja, reivindicando o papel de sujeitos sociais para as

⁴ Os espaços da casa é algo intrínseco da mulher, sendo suas atividades classificadas como não trabalho. Quando as mulheres desenvolvem atividades relacionadas à criação de pequenos animais, plantação de frutíferas e reprodução feminina, o valor social passa a ser inferior quando comparado às tarefas executadas pelo homem. Mesmo que as atividades realizadas pelas mulheres sejam essenciais ao consumo familiar e para abastecimento do comércio local, as mesmas são entendidas como “trabalho leve” e não trabalho (BUTTO et al., 2014).

mulheres uma vez que essas adquiriram ao longo do tempo um vasto saber dos sistemas agroecológicos.

Segundo Sevilla Guzmán (2001), a agroecologia visa estabelecer uma relação dialógica horizontal entre investigador/investigado, valorizando os sujeitos sociais e valorizando o saber, recursos e práticas locais. Diante disso, a agroecologia visa romper as relações de poder entre o “pesquisador-sujeito-que-sabe”, frente ao pesquisado-sujeito que ignora. Por isso, justifica-se uma pesquisa que visa romper a invisibilidade das práticas das mulheres na agroecologia, para que seus resultados sirvam de base para trabalhos específicos de apoio à organização de mulheres.

A valorização das mulheres como elemento central no modelo de produção agroecológico acaba por fomentar sua importância em tais sistemas (destacando às atividades tradicionalmente desenvolvidas por elas dentro do escopo de produção familiar: hortas, pomares, pequenos animais, agregação de valor da produção), além de proporcionar a mudança do comportamento na dimensão produtiva e junto às pessoas (numa perspectiva colaborativa e de valorização de conhecimentos e práticas); a possibilidade da maior participação em atividades para além das relacionadas às domésticas (cursos, feiras, oficinas) e o aumento da renda obtida pelas mulheres com sua produção/comercialização.

Contudo, a fim de favorecer a melhoria da situação das mulheres nos sistemas de produção agroecológicos, a perspectiva adotada neste projeto é a de valorizar as atividades tradicionalmente desenvolvidas pelas mulheres dentro do sistema de produção familiar (hortas, pomares, pequenos animais, transformação caseira de produtos), tendo por hipótese o protagonismo feminino como elemento central na construção de um novo caminho para o desenvolvimento rural. As práticas agroecológicas possuem um potencial emancipatório para grupos de mulheres, proporcionando autonomia de gestão e controle, criação de redes locais de intercâmbio de insumos, mercados alternativos, estímulo ao conhecimento local de manejo dos agroecossistemas, possivelmente superando paradigmas patriarcais de desenvolvimento rural.

3 ABORDAGEM METODOLÓGICA

Para alcançar o objetivo proposto, a pesquisa utilizará tanto de metodologias da pesquisa qualitativa quanto da pesquisa quantitativa. De acordo com Siena (2007), a pesquisa qualitativa proporciona um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para a compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico. Já a quantitativa é caracterizada pela quantificação na coleta e tratamento de dados, busca classificar e compreender os fatos ocorrentes de forma objetiva e precisa, por meio da tabulação de informações obtidas em entrevistas semiestruturadas a partir da técnica metodológica *Snowball*, mais comumente conhecida como “Bola de Neve”⁵.

O projeto será desenvolvido dentro dos assentamentos da Fazenda Pirituba II, os quais se localizam entre os municípios de Itapeva e Itaberá. A Fazenda Pirituba II fica situada na região Sudoeste do Estado de São Paulo, sendo composta por seis assentamentos rurais ocupando uma área total de 8.007,64 hectares e integrando 378 lotes cedidos para o uso das

⁵ Tal metodologia é uma forma de amostra não probabilística utilizada em pesquisas sociais onde os participantes iniciais de um estudo indicam novos participantes que por sua vez indicam novos participantes e assim sucessivamente, até que seja alcançado o objetivo proposto (o “ponto de saturação”). O “ponto de saturação” é atingido quando os novos entrevistados passam a repetir os conteúdos já obtidos em entrevistas anteriores, sem acrescentar novas informações relevantes à pesquisa. Ademais, o uso da Bola de Neve tem o potencial de dar visibilidade a atores específicos e relevantes dentro de comunidades específicas (WHA, 1994).

famílias. Da área total da fazenda, aproximadamente 5.309 hectares são considerados como agricultáveis (IOKOKI et al., 2005).

Diante da complexidade da Fazenda, o projeto proposto é dividido em três etapas: a primeira atividade deste projeto foi realizada em meados do mês de abril de 2018, a qual foi caracterizada pela realização de visitas exploratórias às mulheres assentadas, a fim de compreender a realidade local. Nesta instância, foram realizadas entrevistas gravadas e transcritas com lideranças locais e presidentes de organizações formais e movimentos sociais, possibilitando a formação de uma visão geral sobre o processo de desenvolvimento das famílias e sobre o papel das mulheres no assentamento.

De maneira específica, o intuito do primeiro contato foi conhecer a realidade das mulheres, sem ainda ter como guia um instrumento de coleta de informações. Nesta etapa, foi possível compreender a dinâmica das relações de gênero e trabalho nas unidades de produção e também estabelecer os primeiros laços de relacionamento que facilitarão as atividades de pesquisa previstas para as próximas fases.

A próxima etapa da pesquisa adotará a técnica *Bola de Neve* e tem como intuito integrar aproximadamente 8 famílias de agricultoras, as quais deverão apresentar diferentes perfis quanto à situação conjugal e com um recorte etário, abrangendo mais de uma geração familiar. Neste momento, pretende-se realizar a aplicação de um roteiro de entrevista semiestruturada junto às mulheres, para que seja possível compreender como se estabelecem os processos produtivos, as fontes de renda, a divisão sexual do trabalho e como são tomadas as decisões em relação à produção. Ressalta-se também que o questionário irá abranger levantamento de dados sociodemográficos das famílias.

Como terceiro passo da pesquisa objetiva-se compreender a participação feminina em outras esferas além da produção, tais como na participação em organizações sociais e na agroindustrialização da produção.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A pesquisa a ser empreendida adotará instrumentos metodológicos de levantamento de dados a campo, tais como cadernos de campo e entrevistas semiestruturadas abarcando questões gerais, de trabalho, produção, mudanças sociais, renda, dentre outras dimensões.

A partir dos dados obtidos junto às mulheres, serão adotados procedimentos específicos para tabulação, interpretação e discussão das informações.

Espera-se que as análises dos dados resultem em diagnósticos sobre o papel das mulheres na produção agropecuária em lotes de assentamentos rurais, como ocorrem as múltiplas jornadas de trabalho das mulheres entre atividades de produção e de reprodução social, se seus conhecimentos são identificados a práticas agroecológicas e se seu trabalho resulta em uma renda com peso na renda total da família.

REFERÊNCIAS

BRUMER, Anita. Gênero e Agricultura: A Situação da Mulher na Agricultura do Rio Grande do Sul. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 1, n. 12, p.205-227, abr. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v12n1/21699>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

BUTTO, Andrea et al. **Mulheres rurais e autonomia**: Formação e articulação para efetivar políticas públicas nos Territórios da Cidadania. São Paulo: Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), 2014. 132 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo Agropecuário 2006** Brasil, Grandes Regiões e Unidades da Federação, Rio de Janeiro: IBGE, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE, **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: Acesso e Utilização de Serviços de Saúde 1998**, Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

IOKOI, Zilda Márcia Grícoli et al. **Vozes da terra : histórias de vida dos assentados rurais de São Paulo**. São Paulo: Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo (itesp), 2005. 256 p. Disponível em: . Acesso em: 5 jun. 2016.

PACHECO, Maria Emília Lisboa. Sistemas de produção: uma perspectiva de gênero. **Revista Proposta**. Rio de Janeiro, v. 25, n. 71, p. 30-38, dez./fev. 1997.

PACHECO, Maria Emília Lisboa . Em defesa da agricultura familiar sustentável com igualdade de gênero. In: GT Gênero – Plataforma de Contrapartes Novib/SOS Corpo. **Perspectivas de gênero: debates e questões para as ONGs**. Recife: Gênero e Cidadania, 2002 (obra coletiva).

PAULILO, Maria I. S. O peso do trabalho leve. **In: GRASSI, E. (Org.). La antropologia social y los estudios de la mujer**. Buenos Aires: Humanitas, 1986, p.135-148.

SEVILLA GUZMÁN, Eduardo. Uma estratégia de sustentabilidade a partir da agroecologia. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 35-45, jan./mar. 2001.

SIENA, O. **Metodologia da pesquisa científica: elementos para elaboração e apresentação de trabalhos acadêmicos**. Porto Velho: [s.n.], 2007. 200p.

SILIPRANDI, Emma. **Mulheres e Agroecologia: Transformando o campo, as florestas, as pessoas**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015. 356 p.

SHIVA, Vandana. **Manifiesto para una democracia de la tierra**. Justicia, sostenibilidad y paz. Barcelona: Paidós, 2006.

WHA, 1994 World Health Association. Division of mental health. Qualitative Research for Health Programmes. Geneva, WHA, 1994.

WOORTMANN, Ellen F.. **Família, Mulher e Meio Ambiente no Seringal**. 1991. Universidade de Brasília. Disponível em: <<https://anpocs.com/index.php/encontros/papers/20-encontro-anual-da-anpocs/gt-19/gt08-15/5373-ewoortmann-memoria/file>>. Acesso em: 20 maio 2018.